PADRE PIO DE PIETRELCINA

Pio da Pietrelcina (1887-1968)

“Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14).

Tal como o apóstolo Paulo, o Padre Pio de Pietrelcina colocou, no vértice da sua vida e do seu apostolado, a Cruz do seu Senhor como sua força, sabedoria e glória. Abrasado de amor por Jesus Cristo, com Ele se configurou imolando-se pela salvação do mundo. Foi tão generoso e perfeito no seguimento e imitação de Cristo Crucificado, que poderia ter dito: "Estou crucificado com Cristo; já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gl 2,19). E os tesouros de graça que Deus lhe concedera com singular abundância, dispensou-os ele incessantemente com o seu ministério, servindo os homens e mulheres que a ele acorriam em número sempre maior e gerando uma multidão de filhos e filhas espirituais.

Este digníssimo seguidor de S. Francisco de Assis nasceu no dia 25 de Maio de 1887 em Pietrelcina, na arquidiocese de Benevento, filho de Grazio Forgione e de Maria Giuseppa de Nunzio. Foi baptizado no dia seguinte, recebendo o nome de Francisco. Recebeu o sacramento do Crisma e a Primeira Comunhão, quando tinha 12 anos.

Aos 16 anos, no dia 6 de Janeiro de 1903, entrou no noviciado da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, em Morcone, tendo aí vestido o hábito franciscano no dia 22 do mesmo mês, e ficou a chamar-se Frei Pio. Terminado o ano de noviciado, fez a profissão dos votos simples e, no dia 27 de Janeiro de 1907, a dos votos solenes.

Depois da Ordenação Sacerdotal, recebida no dia 10 de Agosto de 1910 em Benevento, precisou de ficar com sua família até 1916, por motivos de saúde. Em Setembro desse ano de 1916, foi mandado para o convento de São Giovanni Rotondo, onde permaneceu até à morte.

Abrasado pelo amor de Deus e do próximo, o Padre Pio viveu em plenitude a vocação de contribuir para a redenção do homem, segundo a missão especial que caracterizou toda a sua vida e que ele cumpriu através da direção espiritual dos fiéis, da reconciliação sacramental dos penitentes e da celebração da

Eucaristia. O momento mais alto da sua atividade apostólica era aquele em que celebrava a Santa Missa. Os fiéis, que nela participavam, pressentiam o ponto mais alto e a plenitude da sua espiritualidade.

No campo da caridade social, esforçou-se por aliviar os sofrimentos e misérias de tantas famílias, principalmente com a fundação da "Casa Sollievo della Sofferenza" (Casa Alívio do Sofrimento), que foi inaugurada no dia 5 de Maio de 1956.

Para o Padre Pio, a fé era a vida: tudo desejava e tudo fazia à luz da fé. Empenhou-se assiduamente na oração. Passava o dia e grande parte da noite em colóquio com Deus. Dizia: "Nos livros, procuramos Deus; na oração, encontramo-Lo. A oração é a chave que abre o coração de Deus". A fé levou-o a aceitar sempre a vontade misteriosa de Deus.

Viveu imerso nas realidades sobrenaturais. Não só era o homem da esperança e da confiança total em Deus, mas, com as palavras e o exemplo, infundia estas virtudes em todos aqueles que se aproximavam dele. O amor de Deus inundava-o, saciando todos os seus anseios; a caridade era o princípio inspirador do seu dia: amar a Deus e fazê-Lo amar. A sua particular preocupação: crescer e fazer crescer na caridade.

A máxima expressão da sua caridade para com o próximo, ve-mo-la no acolhimento prestado por ele, durante mais de 50 anos, às inúmeras pessoas que acorriam ao seu ministério e ao seu confessionário, ao seu conselho e ao seu conforto. Parecia um assédio: procuravam-no na igreja, na sacristia, no convento. E ele prestava-se a todos, fazendo renascer a fé, espalhando a graça, iluminando. Mas, sobretudo nos pobres, atribulados e doentes, ele via a imagem de Cristo e a eles se entregava de modo especial.

Exerceu de modo exemplar a virtude da prudência; agia e aconselhava à luz de Deus.

O seu interesse era a glória de Deus e o bem das almas. A todos tratou com justiça, com lealdade e grande respeito.

Nele refulgiu a virtude da fortaleza. Bem cedo compreendeu que o seu caminho haveria de ser o da Cruz, e logo o aceitou com coragem e por amor. Durante muitos anos, experimentou os sofrimentos da alma. Ao longo de vários anos suportou, com serenidade admirável, as dores das suas chagas.

Quando o seu serviço sacerdotal esteve submetido a investigações, sofreu muito, mas aceitou tudo com profunda humildade e resignação. Frente a acusações injustificáveis e calúnias, permaneceu calado, sempre confiando no julgamento de Deus, dos seus superiores diretos e de sua própria consciência.

Recorreu habitualmente à mortificação para conseguir a virtude da temperança, conforme o estilo franciscano. Era temperante na mentalidade e no modo de viver.

Consciente dos compromissos assumidos com a vida consagrada, observou com generosidade os votos professados. Foi obediente em tudo às ordens dos seus Superiores, mesmo quando eram gravosas. A sua obediência era sobrenatural na intenção, universal na extensão e integral no cumprimento. Exercitou o espírito de pobreza, com total desapego de si próprio, dos bens terrenos, das comodidades e das honrarias. Sempre teve uma grande predileção pela virtude da castidade. O seu comportamento era, em todo o lado e para com todos, modesto.

Considerava-se sinceramente inútil, indigno dos dons de Deus, cheio de misérias e ao mesmo tempo de favores divinos. No meio de tanta admiração do mundo, ele repetia: “Quero ser apenas um pobre frade que reza”.

Desde a juventude, a sua saúde não foi muito brilhante e, sobretudo nos últimos anos da sua vida, declinou rapidamente. A irmã morte levou-o, preparado e sereno, no dia 23 de Setembro de 1968; tinha ele 81 anos de idade. O seu funeral caracterizou-se por uma afluência absolutamente extraordinária de gente.

No dia 20 de Fevereiro de 1971, apenas três anos depois da morte do Padre Pio, Paulo VI, dirigindo-se aos Superiores da Ordem dos Capuchinhos, disse dele: “Olhai a fama que alcançou, quantos devotos do mundo inteiro se reúnem ao seu redor! Mas porquê? Por ser talvez um filósofo? Por ser um sábio? Por ter muitos meios à sua disposição? Não! Porque celebrava a Missa humildemente, confessava de manhã até à noite e era – como dizê-lo?! – a imagem impressa dos estigmas de Nosso Senhor. Era um homem de oração e de sofrimento”.

Já gozava de larga fama de santidade durante a sua vida, devido às suas virtudes, ao seu espírito de oração, de sacrifício e de dedicação total ao bem das almas.

Nos anos que se seguiram à sua morte, a fama de santidade e de milagres foi crescendo cada vez mais, tornando-se um fenômeno eclesial, espalhado por todo o mundo e em todas as categorias de pessoas.

Assim Deus manifestava à Igreja a vontade de glorificar na terra o seu Servo fiel. Não tinha ainda passado muito tempo quando a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos empreendeu os passos previstos na lei canônica para dar início à Causa de beatificação e canonização. Depois de tudo examinado, como manda o Motu proprio “Sanctitas Clarior”, a Santa Sé concedeu o nihil obstat no dia 29 de Novembro de 1982. O Arcebispo de Manfredônia pôde assim proceder à introdução da Causa e à celebração do processo de averiguação (1983-1990). No dia 7 de Dezembro de 1990, a Congregação das Causas dos Santos reconheceu a sua validade jurídica. Ultimada a Positio, discutiu-se, como é costume, se o Servo de Deus tinha exercitado as virtudes em grau heroico. No dia 13 de Junho de 1997, realizou-se o Congresso Peculiar dos Consultores Teólogos, com resultado positivo. Na Sessão Ordinária de 21 de Outubro seguinte, tendo como Ponente da Causa o Ex.mo e Rev.mo D. Andrea Maria Erba, Bispo de Velletri-Segni, os Cardeais e Bispos reconheceram que o Padre

Pio de Pietrelcina exercitou em grau heroico as virtudes teologais, cardeais e anexas.

No dia 18 de Dezembro de 1997, na presença do Papa João Paulo II foi promulgado o Decreto sobre a heroicidade das virtudes. Para a beatificação do Padre Pio, a Postulação apresentou ao Dicastério competente a cura da senhora Consiglia de Martino, de Salerno. Sobre o caso desenrolou-se o Processo canônico regular no Tribunal Eclesiástico da arquidiocese de Salerno-Campanha-Acerno, desde Julho de 1996 até Junho de 1997. Na Congregação das Causas dos Santos, realizou-se, no dia 30 de Abril de 1998, o exame da Consulta Médica e, no dia 22 de Junho do mesmo ano, o Congresso Peculiar dos Consultores Teólogos. No dia 20 de Outubro seguinte, reuniu-se no Vaticano a Congregação Ordinária dos Cardeais e Bispos, membros do Dicastério, e, no dia 21 de Dezembro de 1998, foi promulgado, na presença do Papa João Paulo II, o Decreto sobre o milagre.

No dia 2 de Maio de 1999, durante uma solene Celebração Eucarística na Praça de São Pedro, Sua Santidade João Paulo II, com sua autoridade apostólica, declarou Beato o Venerável Servo de Deus Pio de Pietrelcina, estabelecendo no dia 23 de Setembro a data da sua festa litúrgica.

Para a canonização do Beato Pio de Pietrelcina, a Postulação apresentou ao competente Dicastério o restabelecimento do pequeno Matteo Pio Collela de São Giovanni Rotondo. Sobre este caso foi elaborado um processo canônico no Tribunal Eclesiástico da arquidiocese de Manfredonia-Vieste, que decorrem de 11 de Junho a 17 de Outubro de 2000. No dia 23 de Outubro de 2000, a documentação foi entregue à Congregação das Causas dos Santos. No dia 22 de Novembro de 2001 é aprovado, na Congregação das Causas dos Santos, o exame da Consulta Médica. No dia 11 de Dezembro de 2001, é julgado pelo Congresso Peculiar dos Consultores Teólogos e, no dia 18 do

mesmo mês, pela Sessão Ordinária dos Cardeais e Bispos. No dia 20 de Dezembro, na presença do Papa João Paulo II, foi promulgado o Decreto sobre o milagre; no dia 26 de Fevereiro de 2002, foi publicado o Decreto sobre a sua canonização.

HOMILIA DE JOÃO PAULO II
DURANTE A CERIMÓNIA DE BEATIFICAÇÃO
DE PADRE PIO DE PIETRELCINA

Domingo, 2 de Maio de 1999

"Cantemos ao Senhor um cântico novo!".

1. O convite da antífona de entrada exprime bem a alegria de muitos fiéis, que há tempo esperam a elevação de Padre Pio de Pietrelcina às honras dos altares. Este humilde frade capuchinho surpreendeu o mundo, com a sua vida inteiramente consagrada à oração e à escuta dos irmãos.

Inúmeras pessoas foram ao seu encontro no convento de San Giovanni Rotondo e a peregrinação, mesmo depois da sua morte, não cessou. Quando eu era estudante aqui em Roma, tive ocasião de o conhecer pessoalmente e agradeço a Deus terme dado hoje a possibilidade de o inscrever no álbum dos Beatos.

Hoje de manhã repercorremos os traços salientes da sua experiência espiritual, guiados pelos textos da Liturgia deste quinto domingo de Páscoa, no interior da qual se coloca o rito da sua beatificação.

2. "Não se turve o vosso coração: crede em Deus, crede também em Mim" (Jo 14,1). Na página evangélica há pouco proclamada, escutamos estas palavras de Jesus aos seus discípulos, necessitados de encorajamento. Com efeito, a referência à Sua morte já próxima desanimou-os. Eles tinham medo de ser abandonados, de ficar sozinhos, e o Senhor confortou-os com uma promessa específica: "Vou preparar-vos um lugar" e depois "virei outra vez e levar-vos-ei Comigo para que, onde Eu estiver, estejais também vós" (Jo 14,2-3).

A esta certeza os Apóstolos respondem pelos lábios de Tomé: "Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos

saber o caminho?" (Jo 14,5). A observação é pertinente e Jesus não ignora a pergunta que nela é implícita. A resposta que Ele dá permanecerá nos séculos como uma luz límpida para as gerações vindouras: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim" (Jo 14,6).

O "lugar" que Jesus vai preparar está na "casa do Pai"; ali o discípulo poderá estar para toda a eternidade com o Mestre e participar da Sua mesma alegria. Contudo, para alcançar a meta, o caminho é um só: Cristo, ao qual o discípulo se deve conformar cada vez mais. A santidade consiste precisamente nisto: já não é o cristão que vive, mas é o próprio Cristo que vive nele (cf. Gl 2,20). Meta exaltante, acompanhada por uma promessa igualmente consoladora: "Aquele que acredita em Mim fará também as obras que Eu faço; e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Meu Pai" (Jo 14,12).

3. Enquanto escutamos estas palavras de Jesus o nosso pensamento dirige-se ao humilde frade capuchinho de Gargano. Com que evidência estas se realizaram no Beato Pio de Pietrelcina!

"Não se turve o vosso coração: crede...". O que foi a vida deste humilde filho de São Francisco, senão um constante exercício de fé, corroborado pela esperança do Céu, onde poder estar com Cristo?

"Vou preparar-vos um lugar... para que onde Eu estiver, estejais vós também". Que outra finalidade teve a duríssima ascese a que Padre Pio se submeteu desde a adolescência, senão a progressiva identificação com o divino Mestre, para estar "lá onde Ele estava"?

Quem ia a San Giovanni Rotondo para participar na sua Missa, para lhe pedir conselho ou se confessar, vislumbrava nele uma imagem viva de Cristo sofredor e ressuscitado. No rosto de Padre Pio resplandecia a luz da ressurreição. Marcado pelos "estigmas", o seu corpo mostrava a íntima conexão entre morte e ressurreição, que caracteriza o mistério pascal. Para o

Beato de Pietrelcina, a participação na Paixão teve matizes de especial intensidade: os singulares dons que lhe foram concedidos e os sofrimentos interiores e místicos que os acompanharam consentiram-lhe viver uma extraordinária e constante experiência dos sofrimentos do Senhor, na imutável consciência de que "o Calvário é a montanha dos Santos".

4. Não menos dolorosas, e humanamente talvez ainda mais fortes, foram as provações que teve de suportar como consequência, dir-se-ia, dos seus singulares carismas. Na história da santidade às vezes acontece que o escolhido, por especial permissão de Deus, é objecto de incompreensões. Quando isto se verifica, a obediência torna-se para ele crisol de purificação, vereda de progressiva assimilação a Cristo, refortalecimento da santidade autêntica. A esse respeito, o novo Beato escrevia a um seu superior: "Só trabalho para vos obedecer, tendo-me feito conhecer o bom Deus, a coisa que Ele mais aceita e o que para mim é o único meio para esperar saúde e cantar vitória" (Epist. I, pág. 807).

Quando sobre ele se abateu a "tormenta", estabeleceu como regra da sua existência a exortação da primeira Carta de São Pedro, que há pouco escutamos: Aproximai-vos de Cristo, pedra viva" (cf. 1Pd 2,4). Deste modo, tornou-se também ele "pedra viva", para a construção do edifício espiritual que é a Igreja. E por isto hoje damos graças ao Senhor.

5. "E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção dum edifício espiritual" (1Pd 2,5). Como parecem pertinentes estas palavras, aplicadas à extraordinária experiência eclesial que se desenvolveu à volta do novo Beato! Muitas pessoas, ao encontrarem-se direta ou indiretamente com ele, reencontraram a própria fé; na sua escola multiplicaram-se em todos os recantos do mundo os "grupos de oração". Àqueles que a ele acorriam, propunha a santidade, repetindo-lhes: "Parece que Jesus não tem outro cuidado senão o de santificar a vossa alma" (Epist. II, pág. 155).

Se a Providência divina quis que ele agisse sem jamais se afastar do seu convento, como que "plantado" aos pés da Cruz, isto não é isento de significado. Certo dia o divino Mestre consolou-o, num momento de particulares provações, dizendo-lhe que "junto da Cruz se aprende a amar" (Epist. I, pág. 339).

Sim, a Cruz de Cristo é a insigne escola do amor: ou melhor, é a própria "fonte" do amor. Purificado pelo sofrimento, o amor deste fiel discípulo atraía os corações a Cristo e ao seu exigente Evangelho de salvação.

6. Ao mesmo tempo, a sua caridade derramava-se como bálsamo sobre as debilidades e sofrimentos dos irmãos. Assim, Padre Pio uniu ao zelo pelas almas a atenção pelo sofrimento humano fazendo-se promotor, em San Giovanni Rotondo, de uma estrutura hospitalar, por ele chamada "Casa Alívio do Sofrimento". Ele a quis como um hospital de primeira categoria, mas sobretudo preocupou-se por que nele se praticasse uma medicina verdadeiramente "humanizada", onde a relação com o doente se caracterizasse pela mais calorosa solicitude e pelo mais cordial acolhimento. Bem sabia que, quem está doente e sofre, tem necessidade não só de uma correta aplicação dos instrumentos terapêuticos, mas também e sobretudo de um clima humano e espiritual, que lhe consinta redescobrir-se a si mesmo no encontro com o amor de Deus e a ternura dos irmãos.

Com a "Casa Alívio do Sofrimento" ele quis mostrar que os "milagres ordinários" de Deus passam através da nossa caridade. É preciso tornar-se disponível à partilha e ao serviço generoso dos irmãos, servindo-se de todos os recursos da ciência médica e da técnica.

7. O eco que esta beatificação suscitou na Itália e no mundo é sinal de que a fama de Padre Pio, filho da Itália e de Francisco de Assis, alcançou um horizonte que abarca todos os Continentes. É-me grato saudar todos os que aqui vieram, a começar pelas altas Autoridades italianas, que quiseram estar

presentes: o Senhor Presidente da República, o Senhor Presidente do Senado, o Senhor Presidente do Conselho dos Ministros, que chefia a Delegação oficial, além de numerosos Ministros e Personalidades. A Itália está deveras representada de maneira digna! Mas também inúmeros fiéis de outras Nações estão aqui reunidos para prestar homenagem a Padre Pio.

A quantos vieram de perto ou de longe dirige-se a minha saudação afetuosa, juntamente com um especial pensamento para os Padres Capuchinhos. A todos um agradecimento cordial!

8. Quereria concluir com as palavras do Evangelho desta Missa: "Não se turve o vosso coração: crede em Deus". Faz eco desta exortação de Cristo o conselho que o novo Beato costumava repetir: "... Abandonai-vos plenamente no coração de Jesus, como uma criança entre os braços da mãe". Possa este convite penetrar também no nosso espírito como fonte de paz, de serenidade e de alegria. Por que devemos ter medo, se Cristo é para nós o Caminho, a Verdade e a Vida? Por que não confiarmos em Deus que é Pai, nosso Pai?

"Santa Maria das Graças", que o humilde capuchinho de Pietrelcina invocou com constante e terna devoção, nos ajude a ter os olhares fixos em Deus. Ela nos tome pela mão e nos incentive a procurar, com todos os esforços, aquela caridade sobrenatural que brota do lado trespassado do Crucificado.

E tu, Beato Padre Pio, volve do Céu o teu olhar sobre nós congregados nesta Praça e sobre quantos estão reunidos em oração na Praça de São João de Latrão e em San Giovanni Rotondo. Intercede por quem, em todas as partes do mundo, se une espiritualmente a este evento elevando a ti as suas súplicas. Vem em socorro de cada um e dá paz e conforto a todos os corações.

Amém!

JOÃO PAULO II

REGINA COELI

Domingo, 2 de Maio de 1999
Basílica de São João de Latrão

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. Concluiu-se na Praça de São Pedro a solene Liturgia eucarística, durante a qual tive a alegria de proclamar Beato Padre Pio de Pietrelcina. Agora, sinto-me feliz por estar aqui convosco, que viestes de várias partes da Itália e do mundo a esta Praça de S. João de Latrão, para prestar homenagem ao novo Beato e lhe manifestar o vosso afeto. Juntamente convosco, desejo saudar com cordialidade os numerosos fiéis recolhidos em oração no Convento dos Frades Capuchinhos de San Giovanni Rotondo, bem como quantos seguiram a cerimônia de beatificação através da rádio e da televisão. Esta é uma grande manifestação de fé que nos comove e nos faz sentir de modo concreto a realidade da Igreja, família de Deus que rejubila hoje pela santidade de um dos seus filhos generosos e fiéis.

Com o seu ensinamento e o seu exemplo, Padre Pio convida-nos à oração, a recorrer à misericórdia divina mediante o sacramento da Penitência e ao amor ao próximo. Convida-nos sobretudo a amar e a venerar a Virgem Maria. A sua devoção a Nossa Senhora transparece em cada manifestação da sua vida: nas palavras e nos escritos, nos ensinamentos e nos conselhos que dava aos seus numerosos filhos espirituais. Filho autêntico de Francisco de Assis, de quem tinha aprendido a dirigir-se a Maria com maravilhosas expressões de louvor e de amor (cf. Saudação à Virgem, em Fontes Franciscanas, 59), o novo Beato não se cansava de inculcar nos fiéis uma devoção

terna e profunda a Nossa Senhora, enraizada na genuína tradição da Igreja. No segredo do confessionário e na pregação, exortava sempre: amai Nossa Senhora! Na conclusão da vicissitude terrena, no momento de manifestar a sua última vontade, dirigiu o seu pensamento, como fizera durante toda a sua vida, a Maria Santíssima: "Amai Nossa Senhora e fazei com que ela seja amada. Recitai sempre o Rosário".

2. O meu pensamento dirige-se hoje, com profundo sofrimento e preocupação, para a vizinha Jugoslávia e o meu afeto abraça todos os que ali choram, sofrem ou morrem. Elevo de novo a voz para suplicar - em nome de Deus - que cesse a prepotência do homem contra o homem, se detenham os instrumentos de destruição e de morte e se ativem todos os canais possíveis para socorrer quem é obrigado a abandonar a própria terra no meio de indescritíveis atrocidades. Retome-se o diálogo, com aquela inteligência e criatividade que Deus deu ao homem para resolver as tensões e os conflitos e edificar uma sociedade fundada no justo respeito de todas as pessoas.

Caríssimos Irmãos e Irmãs, convido-vos com todas as minhas forças a rezar intensamente durante este mês de Maio, para implorar de Nossa Senhora o dom da paz nos Balcãs e nos numerosos lugares do mundo onde reina a violência, fomentada pelos preconceitos e pelo ódio em relação a quantos têm origens étnicas, convicções religiosas e ideias políticas diferentes. O meu pensamento vai, para além dos Balcãs, até à África, o continente atualmente ensanguentado pelo maior número de guerras: as lutas pelo poder, os conflitos étnicos e a indiferença do próximo estão a sufocá-lo lentamente.

Durante este Mês de Maio, sejam promovidas orações em todas as dioceses, de modo que se eleve na Igreja uma coral invocação à Virgem Santíssima, Regina Pacis, para que nos Balcãs, no Continente africano e em todas as partes do mundo surjam construtores de paz, esquecidos dos seus interesses particulares e dispostos a trabalhar pelo bem comum.

Padre Pio, filho amadíssimo da “Rainha do céu“, interceda por nós e por todos, a fim de que do coração dos homens brotem sentimentos de perdão, de reconciliação e de paz, no final deste milênio e no início do novo, do terceiro milênio, para o qual nos preparamos.

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PEREGRINOS PARA O ACTO DE AGRADECIMENTO PELA BEATIFICAÇÃO DO PADRE PIO DE PIETRELCINA

Segunda-feira, 3 de Maio de 1999

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. Com grande alegria encontro-me de novo convosco nesta Praça, que ontem viu realizar-se um evento por vós tão esperado: a beatificação do Padre Pio de Pietrelcina. Hoje, é o dia da ação de graças.

Há pouco concluiu-se a solene celebração eucarística, presidida pelo Cardeal Angelo Sodano, meu Secretário de Estado. A ele dirijo uma cordial saudação, estendendo-a a todos os Cardeais e Bispos, assim como aos numerosos sacerdotes e aos fiéis presentes. Com afeto especial vos abraço, caros Frades Capuchinhos, e demais membros da grande Família franciscana, que louvais o Senhor pelas maravilhas por Ele operadas no humilde Frade de Pietrelcina, seguidor exemplar do Pobrezinho de Assis.

Muitos de vós, caros peregrinos, são membros dos grupos de oração fundados pelo Padre Pio: saúdo-vos com afecto juntamente com todos os fiéis que, movidos pela devoção para com o novo Beato, quiseram estar presentes nesta jubilosa circunstância. Por fim, desejo dirigir uma saudação particular a cada um de vós, queridos doentes, que fostes os prediletos no coração e na ação do Padre Pio: obrigado pela vossa preciosa presença!

2. A divina Providência quis que o Padre Pio fosse proclamado Beato na vigília do Grande Jubileu do Ano 2000, quando se conclui um século dramático. Qual é a mensagem que, com este evento de grande importância espiritual, o

Senhor quer oferecer aos fiéis e à inteira humanidade?

O testemunho do Padre Pio, legível na sua vida e na sua própria pessoa física, leva-nos a considerar que esta mensagem coincide com o conteúdo essencial do Jubileu, já próximo: Jesus Cristo é o único Salvador do mundo. N'Ele, na plenitude dos tempos, a misericórdia de Deus fez-se carne, para dar a salvação à humanidade, ferida mortalmente pelo pecado. "Pelas Suas chagas fostes curados" (1Pd 2,24), repete a todos o Beato Padre, com as palavras do apóstolo Pedro, ele, que teve aquelas chagas impressas no seu corpo.

Em sessenta anos de vida religiosa, transcorridos quase todos em San Giovanni Rotondo, ele dedicou-se inteiramente à oração e ao ministério da reconciliação e da direcção espiritual. O Servo de Deus Papa Paulo VI ressaltou-o muito bem: "Vede que fama teve o Padre Pio!... Mas por quê? ... Porque celebrava a Missa de maneira humilde, atendia às confissões desde a manhã até à noite, e era representante impresso dos estigmas de Nosso Senhor. Era um homem de oração e de sofrimento" (20 de Fevereiro de 1971).

Inteiramente recolhido em Deus, levando sempre no seu corpo a paixão de Jesus, ele foi pão partido para os homens famintos do perdão de Deus Pai. Os seus estigmas, como os de Francisco de Assis, eram obra e sinal da misericórdia divina, que mediante a Cruz de Cristo remiu o mundo. Aquelas feridas abertas e sangrentas falavam do amor de Deus por todos, especialmente pelos doentes no corpo e no espírito.

3. E que dizer da sua vida, incessante combate espiritual sustentado com as armas da oração, centrada nos quotidianos sagrados gestos da Confissão e da Missa? A Santa Missa era o centro de toda a sua jornada, a preocupação quase ansiosa de todas as horas, o momento de maior comunhão com Jesus, Sacerdote e Vítima. Sentia-se chamado a participar na agonia de Cristo, agonia que continua até ao fim do mundo.

Caríssimos, neste nosso tempo, em que ainda se tem a

ilusão de resolver os conflitos com a violência e a prepotência, e se cede não raro à tentação de abusar da força das armas, o Padre Pio repete aquilo que certa vez ele disse: “Que horror a guerra! Em cada homem atingido na carne está Jesus que sofre“. Depois, não deve passar despercebido o facto que as suas duas obras – a “Casa Alívio do Sofrimento“ e os Grupos de oração – foram por ele concebidas no ano de 1940, quando na Europa se delineava a catástrofe da segunda guerra mundial. Ele não ficou inerte, mas, do seu convento perdido no Gargano, respondeu com a oração e com as obras de misericórdia, com a caridade para com Deus e para com o próximo. E hoje, do Céu, ele repete a todos que este é o autêntico caminho da paz.

4. Os Grupos de Oração e a “Casa Alívio do Sofrimento”: eis dois “dons” significativos que o Padre Pio nos deixou. Ideada e querida por ele como hospital para os doentes pobres, a “Casa Alívio do Sofrimento” foi projetada, desde o início, como estrutura sanitária aberta a todos, mas não por isso menos aparelhada que os outros hospitais. O Padre Pio a quis, pelo contrário, dotada dos mais avançados instrumentos científicos e tecnológicos, para que fosse lugar de autêntico acolhimento, de amoroso respeito e de eficaz terapia para toda a pessoa que sofre. Não é talvez este um verdadeiro milagre da Providência, que continua e se desenvolve, seguindo o espírito do Fundador?

Depois, quanto aos Grupos de oração, foram queridos por ele como faróis de luz e amor no mundo. Desejava que muitas almas se associassem a ele na oração: “Orai – dizia – orai ao Senhor comigo, porque o mundo inteiro precisa de orações. E cada dia, quando o vosso coração sentir mais a solidão da vida, orai, orai juntamente com o Senhor, porque também Deus tem necessidade das nossas orações!”. A sua intenção era criar um exército de pessoas que rezassem, de pessoas que fossem “fermento” no mundo com a força da oração. E hoje a Igreja inteira é-lhe grata por esta preciosa herança, admira a santidade

deste seu filho e convida todos a seguir o seu exemplo.

5. Caríssimos Irmãos e Irmãs, o testemunho do Padre Pio constitui uma poderosa evocação da dimensão sobrenatural, que não deve ser confundida com a crendice de milagres, desvio que sempre foi rejeitado por ele. Para ele olhem, de modo especial, os sacerdotes e as pessoas consagradas.

Ele ensina os sacerdotes a fazerem-se instrumentos dóceis e generosos da graça divina, que cura as pessoas na raiz dos seus males, restituindo-lhes a paz do coração. O altar e o confessionário foram os dois polos da sua vida: a intensidade carismática com que celebrava os divinos Mistérios é mais do que nunca testemunho salutar, para demover os presbíteros da tentação da rotina e os ajudar a redescobrir, dia após dia, o inexaurível tesouro de renovação espiritual, moral e social posto nas suas mãos.

Aos consagrados, de modo especial à Família franciscana, ele oferece um testemunho de singular fidelidade. Francisco era o seu nome de batismo, e do Seráfico Pai, desde o seu ingresso no convento, ele foi um digno seguidor, na pobreza, na castidade e na obediência. Praticou com todo o seu rigor a regra capuchinha, abraçando com generosidade a vida de penitência. Não se comprazia com o sofrimento, mas escolheu-o como via de expiação e de purificação. Como o Pobrezinho de Assis, teve como objectivo a conformidade com Jesus Cristo, desejando apenas "amar e sofrer", para ajudar o Senhor na fadigosa e exigente obra da salvação. Na obediência "firme, constante e férrea" (Epist. I, 488), o seu amor incondicionado a Deus e à Igreja encontrou a mais alta expressão.

Que consolação sentir ao nosso lado o Padre Pio, que quis ser simplesmente "um pobre frade que ora": irmão de Cristo, irmão de Francisco, irmão de quem sofre, irmão de cada um de nós. Possa a sua ajuda guiar-nos pelo caminho do Evangelho e tornar-nos sempre mais generosos no seguimento de Cristo!

Obtenha-nos isto a Virgem Maria, que ele amou e fez com

que fosse amada com profunda devoção. Obtenha-nos isto a sua intercessão, que invocamos com confiança.

Acompanho estes bons votos com a Bênção Apostólica, que de coração vos concedo, a vós caros peregrinos aqui presentes, e a quantos se uniram espiritualmente a este encontro festivo.

HOMILIA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II NA CANONIZAÇÃO DO PADRE PIO DE PIETRELCINA

Domingo, 16 de Junho de 2002

1. "O Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve" (Mt 11,30).

As palavras dirigidas por Jesus aos discípulos, que acabamos de ouvir, ajudam-nos a compreender a mensagem mais importante desta solene celebração. De facto, podemos considerá-las, num certo sentido, como uma magnífica síntese de toda a existência do Padre Pio de Pietrelcina, hoje proclamado santo.

A imagem evangélica do "jugo" recorda as numerosas provas que o humilde capuchinho de San Giovanni Rotondo teve que enfrentar. Hoje contemplamos nele como é suave o "jugo" de Cristo e verdadeiramente leve o seu fardo quando é carregado com amor fiel. A vida e a missão do Padre Pio testemunham que as dificuldades e os sofrimentos, se forem aceites por amor, transformam-se num caminho privilegiado de santidade, que abre perspectivas de um bem maior, que só Deus conhece.

2. "Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6,14).

Não é porventura precisamente a "glorificação da Cruz" o que mais resplandece em Padre Pio? Como é atual a espiritualidade da Cruz vivida pelo humilde Capuchinho de Pietrelcina! O nosso tempo precisa de redescobrir o valor para abrir o coração à esperança.

Em toda a sua existência, ele procurou conformar-se cada vez mais com o Crucificado, tendo clara consciência de ter sido chamado para colaborar de modo peculiar na obra da redenção. Sem esta referência constante à Cruz não se compreende a sua santidade.

No plano de Deus, a Cruz constitui o verdadeiro instrumento de salvação para toda a humanidade e o caminho proposto explicitamente pelo Senhor a todos aqueles que desejam segui-l'O (cf. Mc 16,24). O Santo Frade do Gargano compreendeu isto muito bem, e na festa da Assunção de 1914 escreveu: “Para alcançar a nossa única finalidade é preciso seguir o Chefe divino, o qual, unicamente pelo caminho que ele percorreu deseja conduzir a alma eleita; isto é, pelo caminho da abnegação e da Cruz” (Epistolário II, pág. 155).

3. “Eu sou o Senhor, que exerço a misericórdia” (Jr 9,23).

Padre Pio foi um generoso dispensador da misericórdia divina, estando sempre disponível para todos através do acolhimento, da direção espiritual, e sobretudo da administração do sacramento da Penitência. O ministério do confessionário, que constitui uma das numerosas características que distinguem o seu apostolado, atraía numerosas multidões de fiéis ao Convento de San Giovanni Rotondo. Mesmo quando aquele singular confessor tratava os peregrinos com severidade aparente, eles, tomando consciência da gravidade do pecado e arrependendo-se sinceramente, voltavam quase sempre atrás para o abraço pacificador do perdão sacramental.

Oxalá o seu exemplo anime os sacerdotes a realizar com alegria e assiduidade este ministério, muito importante também hoje, como desejei recordar na Carta aos Sacerdotes por ocasião da passada Quinta-Feira Santa.

4. “Senhor, és tu o meu único bem”.

Cantamos assim no Salmo Responsorial. Através destas palavras o novo Santo convida-nos a pôr Deus acima de tudo, a considerá-lo como o nosso único e sumo bem.

De fato, a razão última da eficácia apostólica do Padre Pio, a raiz profunda de tanta fecundidade espiritual encontra-se na íntima e constante união com Deus de que eram testemunhas eloquente as longas horas passadas em oração. Gostava de repetir: “Sou um pobre frade que reza”, convencido de que “a

oração é a melhor arma que possuímos, uma chave que abre o coração de Deus". Esta característica fundamental da sua espiritualidade continua nos "Grupos de Oração" por ele fundados, que oferecem à Igreja e à sociedade o admirável contributo de uma oração incessante e confiante. O Padre Pio unia à oração também uma intensa atividade caritativa, da qual é uma extraordinária expressão a "Casa Alívio do Sofrimento". Oração e caridade, eis uma síntese muito concreta do ensinamento do Padre Pio, que hoje é proposto a todos.

5. "Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque... estas coisas... as revelaste aos pequeninos" (Mt 11,25).

Como se mostram apropriadas estas palavras de Jesus, quando as pensamos referindo-as a ti, humilde e amado Padre Pio.

Nós pedimos-te que nos ensines também a nós a humildade do coração, para sermos conservados entre os pequeninos do Evangelho, aos quais o Pai prometeu revelar os mistérios do seu Reino.

Ajuda-nos a rezar sem nunca nos cansarmos, com a certeza de que Deus conhece aquilo de que precisamos, ainda antes que nós o peçamos.

Obtém-nos um olhar de fé capaz de reconhecer imediatamente nos pobres e nos que sofrem o próprio rosto de Jesus.

Ampara-nos no momento do combate e da prova e, se cairmos, faz com que conheçamos a alegria do sacramento do Perdão.

Transmite-nos a tua terna devoção a Maria, Mãe de Jesus e nossa mãe.

Acompanha-nos na peregrinação terrena rumo à Pátria bem-aventurada, onde também nós esperamos chegar para contemplar eternamente a Glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amen!

JOÃO PAULO II

ANGELUS

Domingo, 16 de Junho de 2002

No final desta solene concelebração, desejo saudar os Cardeais, Arcebispos e os Bispos presentes, juntamente com o Ministro-Geral dos Capuchinhos e todos os Confrades do Padre Pio.

Dirijo uma respeitosa saudação à Delegação oficial do Governo Italiano, chefiada pelo Vice-Presidente do Conselho e às outras numerosas Autoridades civis e militares italianas.

Quero dirigir um pensamento particular a todos peregrinos presentes, devo dizer com coragem, nesta Praça e ruas adjacentes, especialmente aos que enfrentaram o sacrifício de permanecer de pé, com este grande calor, por longo tempo. Saúdo também os fiéis recolhidos em oração em São Giovanni Rotondo e quantos nos seguiram através da televisão. Ao exortar a todos a perseverar sobre os passos de São Pio de Pietrelcina, estou contente por anunciar que a sua memória litúrgica, com o carácter de "obrigatória", será inserida no Calendário Romano geral a 23 de Setembro, dia do seu nascimento para o Céu.

Saudações

Saúdo-vos cordialmente, caros peregrinos de língua francesa, vindos para a canonização do Padre Pio. Que, a exemplo do novo santo, possais amar incansavelmente a Cristo, na fidelidade à Igreja. Eu vos abençoo de todo o coração.

Saúdo de boa vontade os peregrinos de língua inglesa. Que através da intercessão do Padre Pio possais avançar na união de amor com o Senhor Crucificado e no alegre testemunho do

mistério da graça redentora, em qualquer parte do mundo.

Saúdo afetuosamente os peregrinos de língua espanhola e convido-os a progredir na sua vida cristã, ajudados pela rica mensagem espiritual do novo Santo, o Padre Pio. Abençoo-vos a todos do coração.

Queridos peregrinos vindos dos países de língua portuguesa, a todos saúdo. Obtenha-vos esta graça São Pio de Pietrelcina, cuja proteção invocamos sobre vós com a nossa Bênção.

Saúdo os devotos do Santo Padre Pio, os peregrinos vindos da Polônia e dos outros Países do mundo. A sua intercessão vos ajude a todos vós a realizar a vossa vocação à santidade. Deus vos abençoe a todos.

"Que Maria pouse a sua mão materna sobre a tua cabeça". Este voto, dirigido a uma filha espiritual, o dirija hoje o Padre Pio a cada um de vós. À proteção materna da Virgem e de São Pio de Pietrelcina confiamos o caminho de santidade de toda a Igreja, no início do novo milênio.

DISCURSO DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II AOS PEREGRINOS QUE VIERAM A ROMA PARA PARTICIPAR NA CERIMÓNIA DE CANONIZAÇÃO DO PADRE PIO

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. É uma grande alegria encontrar-me de novo convosco, no dia seguinte à solene canonização do humilde Capuchinho de San Giovanni Rotondo. Saúdo-vos com afeto, queridos peregrinos e devotos que viestes a Roma em tão grande número para esta ocasião particular. Dirijo o meu pensamento, em primeiro lugar aos Bispos presentes, aos sacerdotes e aos religiosos. Uma especial recordação aos queridos Frades Capuchinhos que, em comunhão com toda a Igreja, louvam e agradecem ao Senhor as maravilhas por ele realizadas neste seu exemplar irmão de hábito. O Padre Pio é um modelo autêntico de espiritualidade e de humanidade, características peculiares da tradição franciscana e capuchinha.

Saúdo os que pertencem aos "Grupos de Oração Padre Pio" e os representantes da família da "Casa Alívio do Sofrimento", grande obra de cura e assistência aos doentes, que surgiu da caridade do novo Santo. Abraço-vos a vós, queridos peregrinos provenientes da nobre Terra natal do Padre Pio, das outras regiões da Itália e de todas as partes do mundo. Com a vossa presença testemunhais como a devoção e a confiança em relação ao santo Frade de Gargano estão amplamente difundidas na Igreja e em cada Continente.

2. Mas qual é o segredo de tanta admiração e amor a este novo Santo? Ele é, em primeiro lugar, um "frade do povo", característica tradicional dos Capuchinhos. Além disso, ele é um santo taumaturgo, como testemunham os extraordinários acontecimentos que adornam a sua vida. Mas, sobretudo, Padre Pio é um religioso sinceramente apaixonado de Cristo

crucificado. Ele participou no mistério da Cruz também de maneira física ao longo da sua vida.

Ele gostava de juntar a glória do Tabor ao mistério da Paixão, como lemos numa das suas cartas: “Antes de exclamar também nós com São Pedro “Oh!, como é bom estarmos aqui”, é preciso primeiro passar pelo Calvário, onde não se vê mais do que morte, pregos, espinhos, sofrimentos, trevas extraordinárias, abandonos e afrontas” (Epistolário III, pág. 287).

O Padre Pio realizou este seu caminho exigente de ascese espiritual em profunda comunhão com a Igreja. As incompreensões momentâneas com algumas Autoridades eclesiais não conseguiram diminuir esta sua atitude de filial obediência. O Padre Pio foi, em igual medida, um filho da Igreja fiel e corajoso, seguindo também nisto o luminoso exemplo do Pobrezinho de Assis.

3. Este santo Capuchinho, ao qual muitas pessoas se dirigem de todas as partes da terra, indica-nos os meios para alcançar a santidade, que é o fim da nossa vida cristã. Quantos fiéis de qualquer condição social, provenientes dos lugares mais diversos e das situações mais difíceis, iam ter com ele para lhe pedir ajuda! A todos ele sabia oferecer aquilo de que tinham mais necessidade, e que por vezes procuravam às apalpadelas, não tendo disso plena consciência. Ele transmitia-lhes a Palavra confortadora e iluminadora de Deus, permitindo que cada um fosse beber às fontes da graça mediante a assídua dedicação ao mistério das Confissões e a fervorosa celebração da Eucaristia.

Escrevia assim a uma sua filha espiritual: “Não receies aproximar-te do altar do Senhor para te saciares com a carne do Cordeiro imaculado, porque ninguém reunirá melhor o teu espírito como o seu rei, nada o aquecerá melhor do que o seu sol, e nada melhor que o seu bálsamo o suavizará” (Ibid., pág. 944).

4. A Missa do Padre Pio! Era para os sacerdotes uma chamada eloquente à beleza da vocação presbiteral; para os religiosos e os leigos, que acorriam a San Giovanni Rotondo, até em horas muito matutinas, uma extraordinária catequese sobre o valor e a importância do Sacrifício eucarístico.

A Santa Missa era o centro e a fonte de toda a sua espiritualidade: "Encontra-se na Missa costumava dizer todo o Calvário". Os fiéis, que se aglomeravam em redor do seu Altar, sentiam-se profundamente atingidos pela intensidade da sua "imersão" no Mistério e sentiam que "o Padre" participava em primeira pessoa nos sofrimentos do Redentor.

5. São Pio de Pietrelcina apresenta-se assim diante de todos sacerdotes, religiosos e leigos como uma testemunha credível de Cristo e do seu Evangelho. O seu exemplo e a sua intercessão estimulam todos a um amor cada vez maior a Deus e à solidariedade concreta para com o próximo, sobretudo para com os mais necessitados.

Ajude-nos a Virgem Maria, que o Padre Pio invocava com o bonito título de "Santa Maria das Graças", a seguir os passos deste religioso tão amado pelo povo!

Com estes votos, abençoo-vos de coração a vós aqui presentes, às pessoas que vos são queridas e a todos os que se empenham a caminhar na esteira espiritual do querido Santo de Pietrelcina.

HOMILIA DO CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS NA CONCELEBRAÇÃO DE AGRADECIMENTO POR SÃO PIO DE PIETRELCINA

Segunda-feira, 17 de Junho de 2002

"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (Jo 15,13). Os amigos do Senhor são muitos, não se podem contar as testemunhas do Evangelho que consagraram a sua vida a Cristo.

O salmista recorda que "Deus é admirável nos seus santos" (Sl 67,36), verdadeiramente Ele continua a realizar maravilhas nos seus servos bons e fiéis. Hoje a nossa atenção dirige-se, de maneira muito particular, para um deles: Padre Pio de Pietrelcina, ao qual Cristo chamou "amigo" e que ontem o Sucessor de Pedro inscreveu no álbum dos Santos.

Em redor do altar, com o coração repleto de alegria, desejamos agradecer ao Senhor, e ao Santo Padre João Paulo II, por ter dado o humilde frade capuchinho como modelo de santidade a toda a Igreja e como nosso intercessor junto de Deus.

Foi dito, de modo sugestivo, que Padre Pio é o "santo do povo". Verdadeiramente ele foi "um humilde frade capuchinho que surpreendeu o mundo com a sua vida, toda dedicada à oração e à escuta dos irmãos", como recordou o Papa na homilia de beatificação. Uma multidão de pessoas sente uma forte "chamada" espiritual para ele. Este fascínio pode ser entendido, sem dúvida, como uma resposta à necessidade de transcendência, de sobrenatural, que o homem de hoje sente, através da singularidade de uma inegável fenomenologia mística, como a do novo Santo.

1. "Permanecei no meu amor... Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei" (Jo 15,9), diz Jesus aos seus discípulos. O Santo de Gargano compreendeu e viveu, profundamente, este

mandamento do Mestre. De facto, toda a sua vida foi um verdadeiro e sublime hino de amor a Cristo e aos irmãos. O amor, nesta sua dupla dimensão vertical e horizontal é o eixo básico, o coração, o centro e o ápice da sua profundidade espiritual.

O novo Santo capuchinho é, em primeiro lugar, um apaixonado de Cristo, como S. Paulo. Para ele, como para o Apóstolo, viver é Cristo, Cristo crucificado, até se identificar com Ele, reproduzindo na própria carne os sofrimentos da Cruz de Cristo. Ele podia repetir, como nos disse há pouco o autor da carta aos Gálatas: "trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gl 6,17). Mas a cruz de Padre Pio, levada por amor a Cristo, esteve sempre iluminada pelo esplendor da Ressurreição e, portanto, é fonte inexaurível de esperança.

Sem hesitar, ele orientava os penitentes que nele confiavam, com as palavras que ele mesmo ouviu: "Aos pés da cruz aprende-se a amar e eu não a dou a todos, mas só àquelas almas mais queridas" (La Croce sempre pronta, 100 pagine di P. Pio, Città Nuova, 2002, pág. 3).

Manifestou este seu amor total a Cristo, amando intensamente os irmãos. Deste amor, o frade dos estigmas deu provas sobretudo no exercício do ministério do confessionário que praticou durante cinquenta e oito anos, incansavelmente, de manhã até à noite. Dirigiam-se a ele homens e mulheres, doentes e sãos, ricos e pobres, jovens e adolescentes, eclesiásticos e leigos, pessoas simples e de cultura. A todos recebia com zelo, sabia ouvi-los, dizia-lhes palavras de sábio guia espiritual, e transmitia ao seu coração uma grande serenidade interior. Para todos ele era um pai e um irmão, instrumento da graça divina, sobretudo uma ponte entre a infinita misericórdia de Deus e a desconcertante miséria humana.

2. Ao tema sobre o amor, Jesus relaciona o tema da alegria, daquela alegria de uma comunidade que se sente visitada,

amada, protegida e santificada pelo seu Deus: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no Meu amor, do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e permaneço no Seu amor. Digo-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo” (Jo 15,10-11).

É uma alegria plena que, em muitos aspectos parece estar em contraste com as numerosas preocupações e sofrimentos que neste momento ameaçam a existência do homem. Enquanto nós estamos aqui a rezar e a alegrar-nos no Senhor, em muitas partes da terra existe violência, prepotência e morte. Estes problemas que nos perturbam, e a consciência da nossa debilidade, poderiam levar-nos a procurar no acontecimento da canonização do Padre Pio, quase uma fuga da realidade que nos circunda.

Mas hoje, Padre Pio, com toda a força do seu carisma, pronuncia para todos nós uma firme recusa de uma fé “desencarnada”, que procura um pretexto para fugir às nossas responsabilidades.

O testemunho do Padre Pio é ao mesmo tempo uma denúncia contra aqueles que pretendem eliminar do mundo a imagem de Deus como plenitude da alegria do homem. Trata-se, ao mesmo tempo, também de um desafio para os crentes, para que sejam cada vez mais conscientes de que a verdadeira alegria será conquistada na eternidade, mas que também é possível vivê-la antecipadamente sobre a terra, se permanecermos unidos ao Senhor. Não há alegria verdadeira e perene sem Deus. Quem procura Deus encontra sempre a felicidade, mas nem sempre quem procura a felicidade encontra Deus.

O Padre Pio, ao escrever ao seu padre espiritual, deixa-nos entrever um momento de alegria plena, a que ele vive depois da comunhão: “Desejaria por um instante mostrar-vos o meu peito, para que possa ver a chaga que o doce Jesus

amorosamente abriu neste meu coração!... É infinito o número das Sua misericórdia que o meu coração leva consigo... Ele amou-me; quis propor-me a muitas criaturas" (Ao Padre Agostinho, Pietrelcina, 3 de Dezembro de 1912, Epistola I, 105, 316).

3. Para o Santo de Pietrelcina existe, entre a alegria e a paz, um vínculo inseparável de reciprocidade e de interdependência que permite ler até os percursos mais difíceis da existência, como momentos de purificação que se destinam a uma descoberta mais profunda da presença de Deus na história universal e individual.

De fato, a alegria é fruto da paz do coração, mas de uma paz conquistada dia após dia com a oração, com o sacrifício pessoal, com a disponibilidade para o próximo.

O cristão não pode eximir-se de procurar a paz, mas deve empenhar-se com todas as suas forças para a concretizar primeiro dentro de si próprio, e depois no ambiente em que vive. O Padre Pio levou a paz a milhares de consciências perturbadas pelo pecado, oferecendo a sua vida, participando na própria carne dos sofrimentos de Cristo redentor: "homem das dores que conheceu bem o sofrimento", como nos recordou o profeta Isaías na 1ª leitura.

O Santo de Pietrelcina soube semear a paz nos corações também através das longas horas de oração e de celebração do sacramento do perdão que absorveu todo o seu tempo, assim como por meio de várias obras caritativas: os lares queridos em San Giovanni Rotondo, o Instituto de formação dos Terciários de Nossa Senhora das Dores, e primeira de todas, a "Casa Alívio do Sofrimento".

Apraz-me citar um trecho de uma das suas cartas dirigida ao padre espiritual que se poderia definir o hino da paz de Padre Pio: "A paz é a simplicidade do espírito, a serenidade da mente. A tranquilidade da alma, o vínculo do amor. A paz é a ordem, a harmonia em todos nós: ela é um prazer contínuo, que surge

do testemunho da boa consciência; é a alegria santa de um coração, no qual reina Deus" (Ao Padre Agostinho, Epist. I, 268, 606, Pietrelcina, 10 de Julho de 1915).

4. Quando já se tinha difundido a fama de Padre Pio e o estigmatizado de San Giovanni Rotondo era muito procurado, aos que lhe diziam "Padre, verdadeiramente vós sois tudo para todos", ele respondia: "Corrige! Sou o tudo de cada um. Cada um pode dizer: o Padre Pio é meu" (Santos e Santas na Ordem dos Frades Capuchinhos, vol. III et Post. Gen. Cap., 1982, pág. 343).

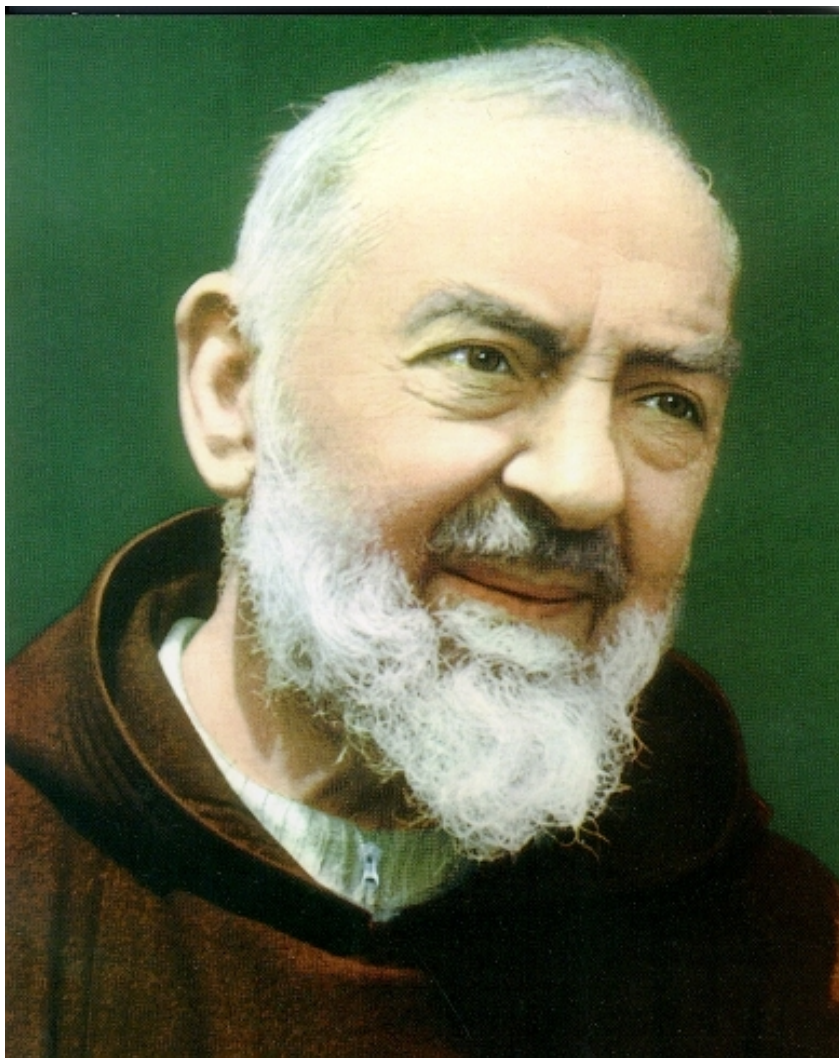
Caríssimos, ao regressar às nossas casas, comunidades, países ou cidades, ao voltar para as nossas famílias, levemos connosco a convicção de que São Pio de Pietrelcina é "todo" nosso, é todo de cada um, mas para nos guiar para Cristo, porque este foi e continua a ser o seu grande desejo.

A vós, queridos Frades Capuchinhos, que destes à Igreja tantos Santos, desde o início da fundação da vossa Ordem até aos nossos dias, a vós que estais aqui presentes e a todos os vossos Irmãos de hábito espalhados no mundo para anunciar o Evangelho do amor e da paz, desejaria convidar-vos a ser edificadores de paz, com a simplicidade do vosso ser "frades do povo", com a vossa vida e com o testemunho da vossa fraternidade. O mundo precisa do vosso testemunho de simplicidade, de alegria, de sorriso, do vosso "Paz e bem", para continuar a esperar, a crer e a amar.

E a todos vós, devotos e filhos espirituais do Padre Pio desejaria recordar, para concluir, as palavras pronunciadas pelo Santo Padre João Paulo II aos jovens, na sua recente viagem à Bulgária: "Aceitai com coragem humilde a proposta que Deus vos faz. Na sua omnipotência e ternura, Ele chama-vos a ser santos. Seria de estultos gloriar-se de uma semelhante chamada, mas seria irresponsável rejeitá-la. Equivaleria a assinar a própria falência existencial. León Bloy, um escritor católico francês de Novecentos, escreveu: "Há apenas uma só

tristeza, a de não ser santos" (La femme pauvre, II, 27)"; (L'Oss. Rom., ed. port. de 1 de Junho de 2002, pág. 11, n. 4).

Na realidade, caríssimos irmãos e irmãs, estas palavras são válidas também para todos nós. De fato, unicamente aceitando a chamada de Deus a sermos santos, "daremos fruto e o nosso fruto permanecerá"; só assim seremos "sal da terra e luz do mundo", "operadores de paz e testemunhas do Amor" (Ibidem). Como o nosso querido novo Santo, Padre Pio de Pietrelcina.

PADRE PIO DE PIETRELCINA

BEATIFICACIÓN DEL PADRE PÍO
HOMILÍA DEL CARDENAL ANGELO SODANO
EN LA MISA DE ACCIÓN DE GRACIAS
Lunes 3 de mayo de 1999

Amadísimos hermanos y hermanas en el Señor:

Hemos proclamado la palabra de Dios: “Alabanza a ti, oh Cristo”. Esta alabanza, que ayer se elevó al Señor con la voz del Santo Padre y la de numerosos pastores y fieles reunidos en esta misma plaza, resuena igualmente esta mañana, expresando de alguna manera nuestra gran alegría por el don que Cristo ha hecho a su Iglesia con la extraordinaria vida de santidad y ahora también con la beatificación del padre Pío de Pietrelcina.

Los santos son reflejos del misterio de Cristo, y cada uno de ellos interpreta, con mayor intensidad, uno de los rasgos de ese misterio. El padre Pío de Pietrelcina fue llamado, con un don especialísimo, a reproducir el rostro de Cristo crucificado.

La imagen del crucifijo es central en la vida y en la espiritualidad cristiana. Puesta en nuestras iglesias, en nuestras casas, en nuestras manos, a veces se corre el riesgo de convertirse en un icono más. El beato Pío de Pietrelcina la llevó impresa en su cuerpo. Como icono vivo de Cristo crucificado, podía repetir de forma singular las palabras de san Pablo: “Llevo sobre mi cuerpo las señales de Jesús” (Ga 6, 17). (...) Desde luego, más importante que las señales físicas fue la experiencia constante y profunda que tuvo de la pasión de Cristo. (...)

Desde siempre la Iglesia ha tenido conciencia de que el Viernes santo es el día en que el amor de Dios se revela plenamente. (...)

El Viernes santo es el día del amor crucificado. En él culmina la línea descendente del amor, la línea de la kénosis, con la que Dios se rebaja al nivel de sus criaturas, sometiéndose, en el Hijo encarnado, a nuestra muerte. Ese mismo día, el día de la Redención, comienza lo que podríamos llamar el movimiento ascendente del amor: desde la cruz Cristo libra al hombre de la esclavitud del pecado y lo atrae hacia sí, para que participe en la gloria de la Resurrección, hasta el culmen de la salvación escatológica. (...)

El beato Pío de Pietrelcina vivió de modo ejemplar las palabras de san Pablo: “En cuanto a mí, ¡Dios me libre gloriarme si no es en la cruz de nuestro Señor Jesucristo, por la cual el mundo es para mí un crucificado y yo un crucificado para el mundo!” (Ga 6, 14). Quienes se encontraban con él, sobre todo los que participaban en su misa, tenían la impresión de que en su espíritu y casi en sus miembros se manifestaba el misterio del Dios-amor. Y no podía ser de otra manera, pues se había consagrado a Cristo como “víctima de amor”. (...)

La Iglesia nace de la muerte de Cristo. Este dato fundamental nos recuerda también un principio de vida eclesial, que precisamente los santos ponen de relieve: un cristiano, cuanto más revive en sí el misterio del Gólgota, tanto más se hace instrumento de Cristo, para que la Iglesia, en él y en torno a él, pueda “renacer” continuamente en la fe, en la santidad y en la comunión. (...)

La gente que acudía al confesonario del padre Pío buscaba un ministerio de misericordia que, en cuanto tal, podría haber encontrado en otras muchas iglesias del mundo, pues los sacramentos actúan “ex opere operato”, o sea, por la intrínseca eficacia que les garantiza la presencia de Cristo y de su Espíritu. Pero la experiencia demuestra la importancia que tiene, para quien recibe los sacramentos, el hecho de contar con la ayuda de la santidad del ministro. Y cuando esta santidad es

grande, envuelve al penitente como una especie de seno materno, en el que es más fácil percibir la presencia de Dios. Lo notaban claramente los que se acercaban a ese humilde fraile de San Giovanni Rotondo que vivía, como dijo ayer el Papa, "plantado" al pie de la cruz. (...)

El Santo Padre ha subrayado la dimensión eclesial de la santidad del padre Pío, recordando su obediencia y su ministerio de caridad, expresado en la ayuda espiritual y material que prestó a tantas personas necesitadas, con la oración y con la "Casa de alivio del sufrimiento". Quisiera destacar este rasgo eclesial de la espiritualidad del padre Pío, poniendo de relieve el grandísimo amor que tuvo a la Iglesia, aun cuando le tocó sufrir a causa de algunos hombres de Iglesia.

En él el amor a Cristo y el amor a la Iglesia eran realmente inseparables. Baste citar, a este respecto, unas emotivas afirmaciones escritas en 1933 a uno de sus hijos espirituales, que quería defenderlo de un modo que al santo fraile le pareció inaceptable, porque implicaría criticar a la Iglesia. "Si estuvieras a mi lado —le escribió—, te abrazaría, me arrojaría a tus pies y te haría esta súplica apremiante: deja que sea el Señor quien juzgue las miserias humanas, y vuelve a tu nada. Deja que yo haga la voluntad del Señor, a la que me he abandonado plenamente. Pon a los pies de la santa Madre Iglesia todo lo que pueda producirle daño y tristeza" (Carta del 12 de abril de 1933. Epist. IV, p. 743). Para él la Iglesia era realmente su madre, una madre a la que se debe amar a toda costa, a pesar de las debilidades de sus hijos. (...)

Su amor sincero al Vicario de Cristo lo puso claramente de manifiesto en una carta que envió, el 12 de septiembre de 1968, al Papa Pablo VI con ocasión de la audiencia que iba a conceder a los padres capitulares de la orden capuchina. Escribió: "Sé que su corazón, Santo Padre, sufre mucho en

estos días por la situación de la Iglesia, por la paz del mundo, por las muchas necesidades de los pueblos, pero sobre todo por la falta de obediencia de algunos, incluso católicos, a la elevada enseñanza que usted, asistido por el Espíritu Santo y en nombre de Dios, nos da. Le ofrezco mi oración y mi sufrimiento diario, como pequeño y sincero don del último de sus hijos, a fin de que el Señor le conforte con su gracia para continuar el arduo y recto camino, en la defensa de la verdad eterna, que nunca debe cambiar aunque cambien los tiempos". (...)

Quiera el Señor que este beato de nuestro tiempo, extraordinariamente popular y a la vez tan profundo y exigente en su mensaje, nos ayude a redescubrir el amor de Cristo crucificado y haga crecer en cada uno de nosotros el amor a la Iglesia.